



Faces de Eva

Estudos sobre a Mulher

Números 1-2 Ano de 1999

Shi

Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher

Direcção

Zília Osório de Castro

Coordenação

Ema Isabel Martins Batista

Maria do Céu Vairinho Borrêcho

Redacção

Elizabeth Évora Nunes, Ema Isabel Martins Batista,
Ilda Soares de Abreu, Isabel Cristina Baltazar,
João Esteves, Joaquina Teresa Amaro,
Maria do Céu Vairinho Borrêcho, Marília Sota Favinha,
Sara Marques Pereira, Zília Osório de Castro

Sede

Instituto Pluridisciplinar da História das Ideias
Avenida de Berna, 26C
1050 Lisboa

ISSN 0874-6885

Preço por número: 2.100\$00

Assinatura (2 números): 4.200\$00

Aceitam-se permutas

*Publicação apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia
e pela Universidade Nova de Lisboa*

© Projecto Faces de Eva, 1999-2000

Capa e produção: Vasco Rosa, com Mariana Salgueiro

Impressão: Colibri Artes Gráficas

Dezembro de 1999

Depósito legal 145434/99

Sumário

7 *Nota de abertura*

Estudos

- 11 José Mattoso
A longa persistência da barregania
- 27 Maria Beatriz Nizza da Silva
Bígamas e seduzidas em Portugal e no Brasil
- 39 Ana Vicente
Mulheres estrangeiras escrevem sobre as mulheres em Portugal no século XX
- 51 Maria de Lurdes Correia Fernandes
Viúvas ideais, viúvas reais. Modelos comportamentais e solidão feminina (séculos XVI-XVII)
- 87 Valter Carlos Cardim
A moda em Portugal no limiar do século XX
- 121 Maria Helena Trindade Lopes
A mulher no Egipto antigo
- 127 Adelaide Vieira Machado
Os liceus femininos ou a vigança do sexo forte
- 137 Arlindo Manuel Caldeira
Os pecados da virtude. Caminhos da religiosidade barroca numa aldeia de Trás-os-Montes
- 137 Mário Vieira de Carvalho
Mémoire d'une présence absente. Música e género

Estado da questão

- 185 João Esteves
O movimento feminista em Portugal. A pesquisa
em periódicos (1899-1928)

Entrevista

- 199 Elizabeth Évora Nunes e Maria do Céu Borrêcho
Maria Leonor Carvalhão Buescu
- 215 Ilda Soares de Abreu
Maria Barroso

Pioneiras

- 223 Depoimento recolhido por Elizabeth Évora Nunes e Maria do Céu Borrêcho
Arq.^{ta} Maria José Estanco Machado da Luz
- 227 Depoimento recolhido por Marília Favinha
Maria José Ferro Tavares: primeira Reitora da Universidade
Aberta de Lisboa

Auto(retrato)

- 239 Ivone Leal
- 241 Ilda Soares de Abreu
Leonor da Fonseca Pimentel: esboço para um retrato

Toponímia

- 253 Ema Batista e Maria do Céu Borrêcho
Lisboa: toponímia no feminino
- 281 *Leituras*
- 301 *Notícias*
- 307 *Resumos*

O movimento feminista em Portugal

Periódicos (1899-1928)

João Esteves

Tal como em muitos outros países europeus, também em Portugal se verificou o surgimento do ideário feminista¹. No entanto, a continuada ausência de estudos significativos sobre este fenómeno, nomeadamente abrangendo a sua primeira fase, correspondendo à viragem do século XIX e primeiras duas décadas do século XX, não resulta tanto da inexistência de documentação e material de investigação, mas antes do menosprezo a que continua a ser votado, talvez em resultado da pesada carga ideológica que a palavra *feminismo* continua a transportar e de que são exemplos os debates e polémicas que ciclicamente a envolvem².

Mau grado a secundarização e, mais frequentemente, o silêncio a que foram votadas as actividades protagonizadas por mulheres, da consulta sistemática e minuciosa da imprensa, que continua a ser a fonte primordial e insubstituível no conhecimento do movimento feminista da I República, apesar de todos os cuidados que deve merecer o tratamento das informações³, sobressaem a importância, a qualidade e a vitalidade dos escritos de mulheres sobre a sua condição na sociedade portuguesa, denunciando-se males e sugerindo-se soluções, e que merecem ser recuperados, analisados e divulgados. É que para além do intrínseco valor histórico, muitos deles mantêm surpreendente actualidade: há noventa anos, quando se discutia acaloradamente a questão do sufrágio feminino, já se opinava que seria da maior utilidade reivindicar antes o direito de a mulher ser elegível para os diferentes cargos e funções, em igualdade de oportunidades com os homens; e Carolina Beatriz Ângelo terá sido pioneira, ao defender o serviço militar obrigatório para as mulheres, ainda que limitado a funções mais administrativas e «domésticas» do que militares⁴.

Desde jornais, sobretudo os conotados com o republicanismo, inicialmente mais receptivos às novas ideias em emergência, até às revistas literárias⁵ e periódicos femininos⁶, acabam por ser variadas as fontes onde se podem detectar vestígios, mesmo quando pontuais, do que foi a progressiva consciencialização da mulher e o empenhamento combativo para alterar o seu estatuto familiar, social, económico,

político e legislativo, bem como a formação de associações próprias. Aí se encontram, a par de artigos de opinião, comentários, polémicas, cartas, discursos e informações meramente factuais ou descritivas, as principais reivindicações, sistematizadas em representações e petições endossadas ao poder político, que ascenderam a mais de uma dezena somente entre 1910 e 1918⁷, e detalhes sobre as organizações exclusivamente de mulheres que assumiram, por vezes simultaneamente, carácter político, maçónico e feminista.

Na ausência de outras fontes complementares, pois ignora-se o paradeiro dos ficheiros das diversas organizações desse período, apesar de existir documentação avulsa no Museu Maçónico, e a Colecção Castro Osório e o Espólio Maria Lamas, que integram o Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional de Lisboa, conterem informações, só através da imprensa é possível reconstituir os seus percursos, militantes e estruturas organizativas, tendo este método conduzido ao recenseamento de mais de um milhar de nomes de filiadas, pertencendo a maioria à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas⁸. Por vezes, as referências são acompanhadas de fotografias, retratos e esboços das activistas, abrindo possibilidades a um levantamento iconográfico que está por concretizar⁹.

É ainda a mesma imprensa que permite acompanhar a evolução dos contactos das portuguesas com o feminismo internacional¹⁰, nomeadamente as adesões às International Woman Suffrage Alliance (1911) e International Council of Women (1914). E embora Portugal seja praticamente ignorado nos principais estudos sobre esta temática¹¹, houve intercâmbio regular e frutuoso com a imprensa feminista estrangeira, abrangendo preferencialmente Alemanha, Áustria, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Inglaterra e Suécia: a imprensa das organizações femininas dispunha de secções destinadas a informar do intercâmbio que mantinham com outras publicações, nacionais e estrangeiras, podendo-se constatar da diversidade de contactos estabelecidos pelas portuguesas, incrementados após a projecção além-fronteiras do voto de Beatriz Ângelo nas eleições de Maio de 1911.

Os numerosos periódicos que criticavam e satirizavam as ideias feministas e a intervenção social e política das mulheres, não se revelam menos preciosos, ao evidenciarem feroz oposição a tudo o que pudesse significar emancipação feminina, inconcebível para as mentalidades da época.

O que se segue corresponde a uma breve, e inevitavelmente incompleta, resenha da riqueza inesgotável de alguma dessa imprensa, compreendida entre 1899, data dos escritos de Beatriz Pinheiro na revista *Ave Azul*, e 1928, ano do Segundo Congresso Feminista e de Educação, promovido pelo CNMP.

1. *A imprensa feminina e feminista.*

Quase simultaneamente, Alice Pestana pronunciou-se sobre o Feminismo no jornal *Vanguarda*¹², assinando sob o pseudónimo de Cil, e Beatriz Pinheiro de Lemos e Carlos de Lemos desencadearam uma das primeiras polémicas ao publicarem na revista por ambos dirigida em Viseu, a *Ave Azul* (1899-1900), um conjunto de textos centrados na discussão da condição feminina, na educação da mulher e na problemática feminista. Carlos de Lemos é mais incisivo e contundente nas considerações¹³, procurando desmontar os argumentos dos que criticavam a emancipação da mulher, nomeadamente as posições defendidas pela Igreja e pelo padre Senna Freitas na *Tribuna*¹⁴, e Beatriz Pinheiro¹⁵, para quem o feminismo pretendia «pôr a mulher em condições de viver dignamente na sociedade, por meio do seu trabalho, sem precisar dum homem que a mantenha»¹⁶, impelia as mulheres à luta, para «que reiviniquem os seus direitos, que façam por conquistar a igualdade civil e política, que sejam nos bancos das Escolas as dignas rivais dos mais inteligentes e dos mais estudiosos»¹⁷. Além disso, considerava fundamental proporcionar à mulher a independência económica, só possível mediante uma educação substancial diferente; e mostrava-se convicta do contributo feminino para a construção da Paz Universal, assumindo-se apologista da Liga Portuguesa da Paz, fundada em 18 de Maio de 1898 e presidida por Alice Pestana¹⁸, sendo sua correspondente, juntamente com o marido, em Viseu. Maria Veleda entrou na discussão, assinando «A emancipação feminina»¹⁹.

Com a viragem do século, a reflexão em torno destas questões ganhou outra dimensão e surgiram cada vez mais mulheres a pronunciarem-se. Em Setembro de 1902, Carolina Michaëlis de Vasconcelos²⁰ redigiu, no jornal portuense *O Primeiro de Janeiro*, uma sucessão de artigos sobre «O Movimento Feminista em Portugal» e surgiram as publicações *Sociedade Futura* (1902-4), dirigida por Ana de Castro Osório e, depois, por Olga de Moraes Sarmiento da Silveira, e *Alma Feminina* (1907-8), da responsabilidade inicial de Albertina Paraíso, mantendo-se, durante os 24 números, Virgínia Quaresma como a redactora principal.

A *Sociedade Futura*, cujo primeiro número abriu com a evocação de Leonor da Fonseca Pimentel feita por Ana de Castro Osório²¹, dispunha de uma estrutura ligeira e generalista, abordando assuntos que interessavam a burguesa, enquanto a *Alma Feminina* apresentava colaboração mais abrangente, sendo «redigida pelas mais notáveis escritoras portuguesas e brasileiras», em que pontificavam Ana de Castro Osório, Angelina Vidal, Beatriz Pinheiro, Branca de Gonta Colaço, Cláudia de Campos, Domitila de Carvalho, Lucinda Tavares, Madeleine Frondoni Lacombe, Maria Veleda e Olga Moraes Sarmiento da Silveira²², e inseriu, a par de textos

literários, diversos argumentos feministas. A redactora Virgínia Quaresma, defensora do feminismo moderado e ponderado, considerava que «as mulheres portuguesas podem desde já, mesmo no estado atrasado e deprimente em que se encontra a nossa sociedade, começar a interferir nos movimentos políticos sem que se revistam de atitudes exaltadas e ridículas»²³, e entrevistou-se Guerra Junqueiro²⁴, Lopes de Mendonça²⁵ e João Chagas²⁶ sobre o que pensavam do «problema feminista».

Delinea-se, de seguida, uma imprensa feminina de conteúdo essencialmente militante, dotada de projectos próprios quanto aos destinos do País, de que a revista *A Mulher e a Criança*, editada entre 1909 e 1911, é talvez o primeiro exemplo, tendo a feliz coincidência de acompanhar a agonia do regime monárquico e o triunfo da República. Órgão da Liga Republicana das Mulheres Republicanas, aí se encontram textos politizados acerca da luta das mulheres pela mudança de regime e a reivindicação do sufrágio feminino, sobressaindo, por inevitável, os assinados por Ana de Castro Osório e Maria Veleda²⁷, então professora do ensino livre. O jornal *A Madrugada* deu continuidade, em Agosto de 1911, à revista, prolongando-se a sua publicação até 1918, tendo desaparecido durante o período sidonista²⁸.

Com a fundação da Associação de Propaganda Feminista, em Maio de 1911, são editados a revista *A Mulher Portuguesa* (1912-13) e, posteriormente, o jornal *A Semeadora* (1915-18)²⁹, periódicos excessivamente dependentes da colaboração de Ana de Castro Osório.

Associado ao aparecimento de cada nova organização de mulheres estava a preocupação de a fazer acompanhar de um órgão próprio, e isso também sucedeu quando, em 1914, se fundou o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Primeiro, editou um *Boletim Oficial* que, em 1917, se transformou na revista *Alma Feminina*³⁰. Apenas a Associação Feminina de Propaganda Democrática (1915-16), da responsabilidade de Maria Veleda, não logrou concretizar o desejo de editar as suas próprias páginas³¹.

Entre 1899 e 1926 estão recenseadas, por Ivone Leal, trinta e uma publicações dirigidas às mulheres³², ainda que sejam minoritárias as de cariz feminista. É através desta imprensa específica, em parte já estudada³³, que é possível compreender os vários matizes do pensamento feminista, que nunca foi homogéneo, e apercebermo-nos dos objectivos, actividades e militância de cada uma das organizações e do público a que se dirigia, quem escrevia e seus conteúdos, quem a comprava e respectivas tiragens.

2. *A imprensa republicana.*

Menos analisadas sob esta perspectiva, as outras publicações periódicas con-

temporâneas são igualmente elucidativas da multifacetada intervenção feminina, quer em agremiações próprias, quer no âmbito do Partido Republicano Português e núcleos maçónicos, até porque consideravam as organizações de mulheres com responsabilidades na implantação e defesa do novo regime. Jornais como *A Vanguarda*, «Diário Republicano da Manhã»/*A Vanguarda*, «Órgão Republicano do Livre-Pensamento» dirigido por Magalhães Lima, *O Mundo*, de França Borges, *O Tempo*, «Diário Republicano da Manhã», de António Macieira, *O Radical*, «Semanário Republicano» da responsabilidade de Paulino de Oliveira, *O Rebate*, *A Folha*, *Revista Pedagógica*, *O Século*, *Diário de Notícias*, *A Luta*, *A Montanha* e *A Capital*, «Diário Republicano da Noite», só para referir alguns, dispõem de artigos de opinião, colunas e secções de consulta obrigatória.

As secções diárias «Conferências», «Livre Pensamento», «Pela Infância», «Pela Instrução» e «Vida Republicana» de *O Mundo*, cujas posições eram próximas das de Afonso Costa, permitem o acompanhamento da vida associativa da Liga Republicana das Mulheres, da Associação Feminina de Propaganda Democrática e das Lojas Carolina Ângelo, Humanidade do Grande Oriente Lusitano Unido e Humanidade do Direito Humano. Também é plausível encontrar a presença feminina nos relatos de comícios, manifestações, romagens, funerais, acontecimentos anticlericais ou relacionados com o livre-pensamento e o Registo Civil, e de datas comemorativas associadas a eventos de cariz republicano. Quanto ao matutino *O Tempo* (1911), acolheu a colaboração de Ana de Castro Osório e de Maria Veleda, que se pronunciaram sobre as decisões políticas que mais directamente diziam respeito às mulheres, como a lei eleitoral, o sufrágio feminino e a reforma da instrução primária. Foi ainda nesse periódico que as duas dirigentes mantiveram uma das principais polémicas, em torno da cisão na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e a fundação da Associação de Propaganda Feminista, escrevendo Maria Veleda com regularidade na «Tribuna Feminina».

No periódico *A Vanguarda*, que dedicou grande destaque e publicidade aos primeiros passos da Liga, para além da colaboração de Maria Veleda, regista-se a existência de um conjunto de artigos de Luís de Almeida Nogueira³⁴, intitulado «Feminismo: O movimento internacional do sufrágio das mulheres», onde se historiam os primórdios das agremiações feministas em diversos países, incluindo Portugal, e as suas federações nas duas grandes organizações internacionais (International Woman Suffrage Alliance e International Council of Women). Já os periódicos *A Folha*, de cariz literário, e a *Revista Pedagógica*, «dedicada aos interesses da instrução e do professorado oficial», ambos de Ponta Delgada e dirigidos, respectivamente, por Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa, transformaram-se em porta-vozes açorianos das iniciativas protagonizadas por mulheres³⁵.

Até os espaços dedicados à necrologia merecem leitura, pois através deles podem completar-se dados biográficos das militantes, desde o nome, filiação, local e data de nascimento até às actividades mais marcantes. Um dos principais problemas com que o investigador se debate é a escassez de informações referentes à vida de muitas dessas mulheres, sendo os obituários, sobretudo até à instauração da Ditadura Militar, em 1926, preciosos instrumentos. Já depois desta data, o *Diário de Lisboa* (Outubro-Novembro de 1929)³⁶ e *O Diabo* (Dezembro de 1935 a Fevereiro de 1936)³⁷ publicaram inquéritos feitos às mulheres portuguesas, dando relevo à questão feminista.

É ainda na imprensa que se pode descobrir parte substancial do pensamento feminino correspondente a este período, com escritos dispersos por inúmeros periódicos. Se a relevância de algumas das protagonistas femininas chegou aos nossos dias, foi porque elas se serviram das gazetas para explicitar as suas opiniões e posicionamentos: Adelaide Cabette, Alice Pestana, Aurora Teixeira de Castro e Gouveia, Cristina Torres dos Santos, Domingas Lazary do Amaral, Elina Guimarães, Maria Veleda, Vitória Pais Madeira... Ana de Castro Osório multiplicou a intervenção através da palavra escrita por dezenas de publicações³⁸, totalizando os seus artigos várias centenas; Maria Veleda, bastante menos prolixa³⁹, assegurou, por exemplo, a secção «Missa Democrática», «permanente e de grande ensinamento moral», no jornal *A Vanguarda*⁴⁰, tendo sofrido um processo judicial por abuso de liberdade de imprensa, por referências consideradas injuriosas para com a Rainha D. Amélia na sua «Carta aberta a uma dama franquista». Condenada ao pagamento de uma multa de 300\$00, o montante foi recolhido mediante subscrição entre as republicanas, proporcionando o episódio ampla notoriedade à autora.

Dispondo de colunistas e articulistas de qualidade, que frequentemente não hesitavam em entrar em polémicas quando era necessário esgrimir opiniões diferentes ou combater outras que enveredavam pelo insulto e pela calúnia, encontram-se textos sobre o Divórcio, as Leis da Família, a Educação e Instrução das mulheres e crianças, a Protecção dos Menores, o Trabalho Feminino, o Sufrágio Feminino, o Serviço Militar Obrigatório para as mulheres, o papel da mulher na educação e na assistência. E esta necessidade de recorrer à escrita fazia inclusivamente parte da estratégia das feministas de divulgarem as suas linhas de pensamento, objectivos e reivindicações, apelando-se às mulheres para se pronunciarem sobre os aspectos que lhes diziam respeito e que as afectassem mais directamente.

As informações recolhidas necessitam de ser confrontadas mediante dados provenientes de órgãos diferentes, porque para além das disparidades como os mesmos factos são descritos, nem sempre os nomes são transcritos correctamente. Tem dado resultados frutuosa a análise sistemática de diários como o *Diário de*

Notícias, *O Mundo* e *O Século*, que nunca deixaram de se editar, a par de publicações bem mais efémeras e outras de carácter regional e local. Já o jornal *O Rebate*, matutino do Partido Republicano Português que mantinha a colaboração de Elina Guimarães, Adelaide Cabette, Angélica Porto, Domingas L. Amaral e Arnaldo Brazão, acompanhou o funcionamento do CNMP, com incidência nos dois Congressos Feministas e de Educação realizados em 1924 e 1928. O mesmo periódico lançou, nesse último ano, um apelo às mulheres portuguesas para que se organizassem de forma a promover uma grande subscrição nacional a favor das famílias dos presos, deportados e emigrados políticos. A Comissão de Honra era presidida pela esposa de António José de Almeida e tinha como vogais as esposas de Domingos Pereira, de Ginestal Machado, de António Maria da Silva, de Pestana Júnior e de Ramada Curto; a Comissão Executiva era presidida pela Dra. Elina Guimarães de Palma Carlos, sendo vogais Margarida Maia Rebelo e Vitória Pais Madeira. A tesoureira era Teresa de Moraes e a secretária-geral Catarina Correia Machado Serras. Significativamente, os nomes da Comissão de Honra eram publicados em função dos apelidos dos maridos, editando o periódico extensas listas de pessoas que contribuíram para esse amplo movimento nacional de solidariedade.

3. *A imprensa de educação e ensino.*

A imprensa relacionada com a educação e a instrução não pode ser esquecida⁴¹, na medida em que algumas das protagonistas, e principais líderes, eram professoras do ensino livre ou do ensino primário e secundário oficial tendo, inclusivamente, participado nos movimentos associativos da classe. Parte das intervenientes nos Congressos Pedagógicos das décadas de 10 e 20 estavam associadas a núcleos feministas, republicanos ou maçónicos, conciliando a intervenção educativa com o empenhamento político e cívico.

Periódicos como a *Educação Social*, *O Ensino*, *O Ensino Primário*, *O Professor Primário* ou a *Revista Pedagógica* inserem, de quando em quando, a colaboração de, entre outras, Berta Leonia de Vilar Coelho, Domingas Lazary do Amaral, Adelaide Cabette, Júlia Antunes Franco, Albertina Olinda Paiva Rua de Gambôa, Vitória Pais Freire de Andrade Madeira, Angélica Lopes Viana Porto, Delfina do Nascimento Correia dos Santos Serrão, Maria Evelina de Sousa, Lucinda Tavares, Beatriz Teixeira de Magalhães e Deolinda Lopes Vieira Pinto Quartim⁴².

Embora se esteja apenas no início de um levantamento sistemático e completo das fontes jornalísticas, não deixa de ser evidente que o fenómeno feminista em

Portugal foi bem mais importante do que tem transparecido, sendo de realçar a vivacidade por ele evidenciada em momentos mais propícios à intervenção das mulheres, como sucedeu aquando da transição da Monarquia para a República. Talvez tenha chegado a altura de lhe dedicar maior atenção, o que implica necessariamente a compilação de muitos dos textos, informações e notícias⁴³.

- 1 Sobre as origens do termo *feminismo* e a heterogeneidade de correntes, cfr. Anne Cova, «O Conceito de Feminismo Numa Perspectiva Histórica», in *Estudos Sobre As Mulheres*, Lisboa, Universidade Aberta, 1998, pp. 157-76.
- 2 Ultimamente, têm surgido trabalhos dedicados à problemática feminista, centrados na década de 70. Cfr. as análises de Maria José Magalhães e de Manuela Tavares, respectivamente *Movimento Feminista e Educação. Portugal, décadas de 70 e 80* e *Movimentos de Mulheres em Portugal após Abril de 74*. Veja-se também a síntese «O Salazarismo e as Mulheres. Uma Abordagem Comparativa», assinada por Anne Cova e António Costa Pinto e publicada na revista *Penélope*, n.º 17, 1997, pp. 71-94; e aguarda-se a publicação das actas do Seminário *O Movimento Feminista em Portugal*, promovido pela UMAR nos dias 5 e 6 de Dezembro de 1998.
- 3 Sobre a relevância da imprensa periódica no estudo da história contemporânea e precauções a adoptar, cfr. José Manuel Tengarrinha, «Um importante instrumento de trabalho», *Jornais e Revistas Portuguesas do Século XIX*, vol. I, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1998, pp. 9-13.
- 4 O diário *A Capital* destacou esta proposta inédita através de uma entrevista à médica, e a sua transcrição pode ser consultada em João Esteves: *As Origens do Sufragismo Português*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998, p. 207.
- 5 O *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, da autoria de Daniel Pires, constitui valioso instrumento metodológico quanto ao registo da colaboração feminina nesse tipo específico de imprensa.
- 6 Para o século XIX, cfr. a colectânea de Ivone Leal, *Um Século de Periódicos Femininos*, onde a autora analisa alguma da imprensa destinada às mulheres: *O Toucador* (1822); *Periódico das Damas* (1823); *O Correio das Damas* (1836-41); *O Beija-Flor* (1838-39); *O Correio das Damas* (1842-52); *A Assembleia Literária* (1849-51); *A Voz Feminina* (1868-69); e *A Mulher* (1883). Cfr. também Ernesto Rodrigues, *Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal*, Editorial Notícias, 1998, pp. 160-69.
- 7 Só a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas entregou aos governantes republicanos, entre 27 de Outubro de 1910 e 19 de Junho de 1918, onze representações diferentes, reivindicando: a revisão do Código Civil (27 de Outubro de 1910); a lei do divórcio (27 de Outubro de 1910); o sufrágio feminino restrito (27 de Outubro de 1910, 3 de Fevereiro de 1911, 8 de Julho de 1912, 19 de Junho de 1918); a revisão da reforma do ensino primário (5 de Maio de 1911); a revisão da exclusão de professoras nos exames primários do 2.º grau (31 de Julho de 1911); a proibição da venda de tabaco e bebidas alcoólicas a menores (3 de Dezembro de 1912); a anulação do direito de fiança aos sedutores e violadores de menores (26 de Maio de 1913); e o perdão de uma sentença judicial (24 de Agosto de 1917). A Associação de Propaganda Feminista assinou duas: uma em 10 de Julho de 1911, onde reclamou o sufrágio feminino restrito, e a outra, em parceria com o Grémio Carolina Ângelo, em 10 de Julho de 1915, contendo o «mínimo das reclamações femininas» [estas duas encontram-se transcritas em *As Origens do Sufragismo Português*, pp. 227-38]. Quanto ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, e para o mesmo período,

apenas se conhece uma, datada de 22 de Setembro de 1917, exigindo a comutação da pena à condenada a degredo Maria Fermiana.

- 8 Das mais de mil associadas da Liga conhece-se sensivelmente metade, embora escasseiem elementos sobre parte delas. Quanto à Associação de Propaganda Feminista e Associação Feminina de Propaganda Democrática, estão assinalados algumas dezenas de nomes para cada uma das agremiações. O CNMP, até devido a se ter prolongado até 1947, dispunha de centenas de activistas, sobretudo na sua última fase, quando acabou por ser extinta por determinação do Estado Novo.
- 9 Apenas se conhecem escassas fotografias das líderes mais em evidência. O jornal *O Mundo*, por exemplo, inseriu fotografias de mulheres que participaram em comícios eleitorais do Partido Republicano, ainda durante a Monarquia, vindo algumas delas a militar posteriormente em organizações femininas. Publicou também retratos e esboços de intervenientes em romagens, funerais, sessões solenes, manifestações ou acompanhadas por Presidentes da República, governantes e parlamentares.
- 10 Na BN, no ACP, a *Colecção Castro Osório (Esp. N12)* contém, entre outras, missivas a Ana de Castro Osório de: Ana Carbia Bernal (N12/124); Carmen de Burgos (N12/123); Gemma Majonchi (N12/72); Georgina Flétcher (N12/128); Jean Finot (N12/210); Jeanne Oddo-Deflou (N12/199); Louise Ey (N12/232); Madeleine Pelletier (N12/445); e Witt Schlumberger (N12/118).
- 11 Anne Cova, em recensão ao último volume da *História das Mulheres no Ocidente*, sublinha precisamente que um dos grandes ausentes é Portugal, merecendo raras menções. Cfr. «Uma História das Mulheres», *Boletim da APEM*, n.º 6, Junho de 1996, pp. 4-7.
- 12 Cfr. Alice Pestana: «Feminismo», *Vanguarda*, 27 de Maio de 1899, p. 1, cols. 1-2; 3 de Junho de 1899, p. 1, cols. 1-2; 10 de Junho de 1899, p. 1, cols. 1-2; e 12 de Julho de 1899, p. 1, cols. 1-2. Anteriormente, já tinha assinado, também com o pseudónimo de Cil, «Um Raríssimo Tipo de Mulher», 2 de Novembro de 1898, p. 1, cols. 5-6 e 7 de Novembro de 1898, p. 1, col. 6, dedicado à figura de Concepción Arenal; e «Congresso Feminista», 22 de Abril de 1899, p. 1, cols. 1-2, sobre o Congresso de Londres que estava a ser preparado pela International Council of Women. Esta pedagoga manteve colaboração assídua neste periódico, pronunciando-se sobre questões educativas e a intervenção das mulheres em defesa da paz.
- 13 Cfr. os textos de Carlos de Lemos, «A Emancipação da Mulher», n.º 10, 15 de Outubro de 1899, pp. 470-95; n.º 11, 15 de Novembro de 1899, pp. 522-26; n.º 1-2, 25 de Fevereiro de 1900, pp. 75-87; n.º 3, Março de 1900, pp. 165-70; e «Chronica», n.º 5, Maio de 1900, pp. 241-55.
- 14 A polémica começou por envolver a *Tribuna* e estendeu-se ao *Mundo Católico*, que surgiu em defesa do Padre Senna de Freitas e refutou Carlos de Lemos.
- 15 De Beatriz Pinheiro, cfr. «Chronica», n.º 8, 15 de Agosto de 1899, pp. 321-27; n.º 10, 15 de Outubro de 1899, pp. 433-41; n.º 11, 15 de Novembro de 1899, pp. 497-506; n.º 1-2, 25 de Fevereiro de 1900, pp. 1-11; e «A Emancipação da Mulher», n.º 6, Junho de 1900, pp. 390-400.
- 16 Beatriz Pinheiro, «Chronica», *Ave Azul*, n.º 11, 15 de Novembro de 1899, p. 500.
- 17 *Ibid.*, n.º 8, 15 de Agosto de 1899, p. 324.
- 18 Outras três mulheres desempenhavam funções na Liga Portuguesa da Paz: Augusta Rocha era a Tesoureira; Amélia Heitor Ribeiro Cruz a Secretária das Sessões; e Joana de Almeida Nogueira a Secretária da Correspondência. Sublinhe-se que esta última colaborou na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e foi uma das fundadoras da Associação de Propaganda Feminista, mantendo uma relação de amizade com Ana de Castro Osório.
- 19 Cfr. Maria Veleda, «A emancipação feminina», *Ave Azul*, n.º 8-9, Agosto e Setembro de 1900, pp. 449-52. Esta professora também redigiu uma crítica ao livro *Ave Maria*, do poeta Cândido Guerreiro, pai do seu filho Cândido e «com o qual se recusa a casar», cfr. Maria Antónia Fiadeiro, «Mulheres a Redescobrir: Maria Veleda», *Boletim da APEM*, n.º 6, Junho de 1996, p. 19.

- 20 Já anteriormente, em Novembro de 1896, Carolina Michaëlis tinha publicado em *O Comércio do Porto*, um conjunto de artigos sobre «O Congresso Feminista de Berlim», onde saiu em defesa da compatriota Louise Ey. Sobre a análise dos dois escritos, cfr. Maria Helena Vilas-Boas e Alvim, «Da Educação da Mulher no Portugal Oitocentista. Notas de um Estudo», *Revista de Ciências Históricas*, Universidade Portucalense, vol. V, 1990, pp. 321-41; e Maria Regina Tavares da Silva, «Carolina Michaëlis de Vasconcelos», *Mulheres Portuguesas*, Lisboa, CIDM, pp. 44-58.
- 21 Ana de Castro Osório, «Leonor da Fonseca Pimentel», *Sociedade Futura*, n.º 1, 1 de Maio de 1902, p. 1 e p. 2, col. 1.
- 22 *Alma Feminina* insere, nas páginas dedicadas à publicidade, o anúncio de que se encontraria à venda o livro *Problema Feminista*, de Olga de Moraes Sarmiento da Silveira, e cujo conteúdo se desconhece.
- 23 Virgínia Quaresma, «Feminismo e Feministas...», *Alma Feminina*, n.º 9, 8 de Agosto de 1907, p. 66.
- 24 «O Que Pensam As Grandes Notabilidades Portuguesas Sobre O Problema Feminista», I. Guerra Junqueiro, *Alma Feminina*, n.º 4, 27 de Maio de 1907, p. 29.
- 25 II. Lopes de Mendonça, *Alma Feminina*, n.º 7, 20 de Junho de 1907, p. 53.
- 26 III. João Chagas, *Alma Feminina*, n.º 13, 17 de Outubro de 1907, p. 99 e n.º 14, 24 de Outubro de 1907, p. 108.
- 27 Para além dessas duas ideologas, a revista inseriu escritos de Adelaide Cabette, Adelina Júdice Samora, Ana Chaveiro Calhau, Beatriz Pinheiro, Carmen Dolores, Isabel Fry, Isaura B. A. de Campos, Leopoldina Carrilho Balsas, Lucinda Tavares, Maria Amélia Brun do Canto, Maria Benedita Pinho, Maria Clara Correia Alves, Maria de Azevedo, Maria Gonçalves de Freitas, Maria José Pires dos Santos, Teresa Deslandes e Vitória Pais Freire de Andrade Madeira, para só referenciar a contribuição feminina.
- 28 Ambos os periódicos encontram-se analisados no estudo *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas: uma organização política e feminista (1909-1919)*, Lisboa, ONG da CIDM, 1992.
- 29 A história da Associação de Propaganda Feminista, e respectivos órgãos, pode ser consultada em *As Origens do Sufragismo Português*.
- 30 Rosmarie Wank-Nolasco Lamas analisa os periódicos *Alma Feminina* e *Portugal Feminino* no livro *Mulheres Para Além do Seu Tempo*, Bertrand Editora, 1995.
- 31 Sobre esta organização, cfr. João Esteves, «A fidelidade das mulheres republicanas a Afonso Costa: a Associação Feminina de Propaganda Democrática (1915-1916)», *Leituras*, Revista da Biblioteca Nacional, n.º 3, Outono de 1998, pp. 119-28.
- 32 Para o período citado, Ivone Leal enuncia as seguintes publicações: *Ave Azul* (Viseu, 1899); *Jornal das Senhoras* (Lisboa, 1902); *A Sociedade Futura* (Lisboa, 1902); *Jornal das Senhoras* (Lisboa, 1904); *Os Serões das Senhoras* (1905); *Alma Feminina* (Lisboa, 1907); *A Mulher e a Criança* (Lisboa, 1909); *O Jornal da Mulher* (Lisboa, 1910); *Mosaico Feminino* (Coimbra, 1910); *A Madrugada* (Lisboa, 1911); *Em Homenagem a Ana Pereira* (Lisboa, 1912); *A Mulher Livre* (Braga, 1912); *A Mulher Livre* (Lisboa, 1912); *A Mulher Portuguesa* (Lisboa, 1912); *Educação Feminina* (Lisboa, 1913); *Boletim do CNMP* (Lisboa, 1914); *Parisiana* (Porto, 1914); *A Semeadora* (Lisboa, 1915); *A Vida Elegante* (Lisboa, 1915); *Alma Feminina* (Lisboa, 1917); *Moda Elegante* (Lisboa, 1917); *A Mulher Médica na Família* (Lisboa, 1921); *Estrela* (Porto, 1925); *Eva* (Lisboa, 1925); *A Moda* (Lisboa, 1925); *Mulheres do Norte* (Porto, 1925); *Vida Feminina* (Lisboa, 1925); *Femina* (Lisboa, 1926); *Jornal da Mulher* (Lisboa, 1926); *A Moda Ilustrada* (Lisboa, 1926); e *Revista Feminina* (Lisboa, 1926). Cfr. *Um Século de Periódicos Femininos*, Lisboa, CIDM, 1992.
- 33 Paulo Guinote trabalhou sob outra perspectiva, e para o mesmo período, a imprensa feminina, cfr. *Quotidianos Femininos (1900-1933)*, 2 vols., Lisboa, ONG da CIDM, 1997.

- 34 Para além destes, Luís de Almeida Nogueira pronunciou-se sobre o sufrágio e a imprensa feminina e feminista nos periódicos *A Mulher e a Criança*, *A Madrugada* e *O Radical*.
- 35 Os dois periódicos registaram nas suas páginas a colaboração de Ana de Castro Osório, tendo o jornal *A Folha* publicado, ainda que em forma de folhetim, dois dos textos mais importantes quanto ao conteúdo político: «As mulheres e a política» (31 de Dezembro de 1911, 14 de Janeiro de 1912 e 21 de Janeiro de 1912) e «Após a revolução» (23 de Junho de 1915, 8 de Julho de 1915, 25 de Julho de 1915 e 8 de Agosto de 1915). A *Revista Pedagógica* inseriu igualmente na secção do Folhetim o texto «Um bocado de história contemporânea. A Mulher na Política Portuguesa», reprodução de um artigo escrito no Brasil e publicado no *Portugal Moderno*, do Rio de Janeiro: *Revista Pedagógica*, 7 de Janeiro de 1915.
- 36 Responderam ao Inquérito Feminista do *Diário de Lisboa* as seguintes personalidades: Adelaide Lima Cruz (pintora); Ana de Castro Osório (escritora); Branca de Gonta Colaço (poetisa); Branca Rumina (médica); Cândida Ayres de Magalhães (poetisa); Elina Guimarães (advogada); Emília de Sousa Costa (escritora); Emília Santos Braga (pintora); Gabriela Castelo Branco (escritora); Lucília Simões (actriz); Maria de Lurdes Teles da Gama Braga de Sá Teixeira (primeira aviadora portuguesa); Mécia Mouzinho de Albuquerque (poetisa); Miriam (pseudónimo da escritora Maria Rio Carvalho); Oliva Guerra (poetisa e pianista); Palmira Bastos (actriz); Sara Benoliel (médica no Hospital da Estefânia); Teresa Leitão de Barros (professora e escritora); Virgínia Vitorino (poetisa).
- 37 Enviaram a sua opinião ao jornal *O Diabo*: Anémone Adelaide Xavier de Basto (professora de instrução primária); Aurora Jardim Aranha; Elina Guimarães (advogada); Ludovina Frias de Matos (escritora); Manuela Palma Carlos (professora); Maria Clara de Almeida Rocha (estudante da Faculdade de Direito); Maria Lamas (escritora e jornalista); Maria Leticia Clemente da Silva (estudante da Faculdade de Letras); Maria Luísa Palma Carlos (estudante da Faculdade de Medicina); Maria Matos (actriz); Marta de Mesquita da Câmara (poetisa). Responderam também ao questionário duas operárias, só identificadas pelo nome próprio, de forma a torná-lo mais abrangente.
- 38 Nos quase quarenta anos de produção escrita, Ana de Castro Osório colaborou, pelo menos, nos seguintes periódicos, predominando os de carácter literário: *ABCZinho*; *Alma Feminina*; *Alma Nova*, 2.ª série; *Almanaque de Ponte de Lima*; *O Amigo da Infância*; *Atlântico*; *Ave Azul*; *Boémios*; *Branco e negro*; *Capital*; *Civilização*; *Claridade*; *Comércio e Indústria* (Évora); *A Crónica*; *Descobrimento*; *Diário Popular*; *A Escola*; *A Farça*; *A Folha*; *Folha de Saudação*; *O Garcia de Resende*; *Gazeta Ilustrada*; *Gil Braz*; *Ideal e Verdade*; *Ideia Nova*; *Ilustração*; *Ilustração Moderna*; *In Memoriam*; *Jornal de Coimbra*; *O Jornal dos Pequenininos*; *Jornal Português* (Rio de Janeiro); *Limiana*; *Lusa*; *A Madrugada*; *Mala da Europa*; *A Montanha - Para as Crianças*; *A Mulher e a Criança*; *A Mulher Portuguesa*; *A Nossa Homenagem*; *A Nossa Revista*; *Nova Alvorada*; *Nova Aurora*; *Novo Íris*; *O Ocidente*; *Passatempo*; *A Pátria a Garrett*; *Portucal*; *Portugal Moderno* (S. Paulo); *O Pregoeiro*; *Prosas e Versos*; *O Radical*; *A República*; *Revista Amarela*; *Revista de Lisboa*; *Revista Literária*; *Revista Pedagógica*; *O Século*, *A Semeadora*; *O Senhor Doutor*; *Serões*; *A Sociedade Futura*; *Os Sportsinhos*; *Tic-Tac*; *A Vanguarda*; *O Vintém das Escolas*; *O Vintém Infantil*; *A Vóz da Mocidade* (Setúbal); e *A Vóz de S. Martinho*.
- 39 Maria Veleda, cujos principais textos correspondem aos primeiros quinze anos deste século, publicou nos periódicos: *Almanaque das Senhoras*; *Ave Azul*; *O Cruzeiro do Sul*; *Diário Ilustrado*; *Distrito de Faro*; *Germinal*; *Gonçalves Dias*; *Heraldo*; *O Independente*; *Lisboa Elegante*; *A Madrugada*; *A Mulher e a Criança*; *Nova Aurora*; *Pátria*; *O Repórter*; *República*; *Revista Pedagógica*; *O Século*; *A Semeadora*; *Sociedade Futura*; *A Tradição*; e *A Vanguarda*.
- 40 Cfr. «Maria Veleda», *A Vanguarda*, 24 de Abril de 1910, p. 1, col. 2.
- 41 Cfr. António Nóvoa (dir.), *A Imprensa de Educação e Ensino. Repertório Analítico (Séculos XIX-XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993.

- 42 Sobre o percurso destas, e outras militantes, cfr. o *Dicionário de Educadores Portugueses*.
- 43 A fim de sistematizar a vasta documentação já recolhida e analisada e de a tornar acessível, prepara-se um minucioso Guia Cronológico, Documental e de Fontes, abrangendo inicialmente o período que medeia entre os primeiros textos publicados na revista *Ave Azul* e a organização, em 1928, do Segundo Congresso Feminista e de Educação.